



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro,
depressão e ideação suicida em jovens dos 18 aos 25 anos

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Daniela Filipa Fernandes Gonçalves

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

OUTUBRO 2022



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

**Relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro,
depressão e ideação suicida em jovens dos 18 aos 25 anos**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Daniela Filipa Fernandes Gonçalves

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Berta Maria
Marinho Rodrigues Maia**

Agradecimentos

Após um longo percurso académico, esta dissertação surge como um encerrar de um capítulo marcado por incertezas e desafios, mas também por muita aprendizagem científica e pessoal. Assim, quero agradecer a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a finalização deste percurso.

Obrigada,

À Professora Doutora Berta Maria Marinho Rodrigues Maia por toda a disponibilidade, dedicação, profissionalismo e vasto conhecimento partilhado. Agradeço-lhe também pelo rigor exigido que me possibilitou ter confiança no trabalho que estava a realizar, levando-me sempre a dar o melhor de mim.

A todos os docentes e alunos que contribuíram para a realização desta dissertação, partilhando o questionário.

Às minhas grandes amigas Marta e Joana, duas das pessoas que mais me acompanharam e ajudaram ao longo deste percurso.

Aos meus pais, pois foram eles que permitiram toda esta experiência acontecer, nunca deixando de me apoiar e motivar mesmo nas fases mais complicadas.

Ao meu namorado, Hélder, por todo o amor, ajuda e motivação ao longo de todos estes anos.

Por fim, quero fazer um agradecimento especial ao meu avô, pois apesar de ele não estar mais entre nós, ele ensinou-me a acreditar em mim, nas minhas escolhas e nas minhas capacidades. Sei que ele gostaria de estar cá para ver o final desta etapa, mas de forma indireta sempre estará.

Resumo

Introdução: O abuso tradicional no namoro e o ciberabuso revelam-se um crescente problema social, dada a sua relação com o aumento de depressão e ideação suicida.

Objetivo: Explorar a relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro e a relação destes com a depressão e ideação suicida em jovens.

Método: A amostra foi constituída por jovens Portugueses dos 18 e 25 anos, que preencheram um Questionário Sociodemográfico, o Questionário sobre Ciberabuso no Namoro, o Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes, o Inventário de Avaliação Clínica da Depressão e o Questionário de Comportamentos Suicidários – Revisto.

Resultados: Foi encontrada uma correlação significativa entre abuso tradicional e ciberabuso, entre abuso tradicional, depressão e ideação suicida e entre ciberabuso e depressão. Não foi encontrada uma correlação entre ciberabuso e ideação suicida. Verificou-se também diferenças entre sexos no que toca à vitimização por agressão direta, à utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas e positivas pelo parceiro. Encontrou-se também um maior relatado de abuso tradicional do tipo emocional. Para além disto, foi sexo masculino quem mais relatou atos de violência pelo parceiro. A maioria dos sujeitos foi vítima de ciberabuso, mas também perpetrador. Não se verificam diferenças em função do sexo na depressão e ideação suicida. Contudo, a maioria dos sujeitos da amostra também não apresenta indicadores de depressão nem de ideação suicida. Por fim, verificou-se uma correlação entre testemunhar violência no contexto familiar e utilização de estratégias de conflito abusivas.

Palavras-Chave: Ciberabuso; Abuso no Namoro; Depressão; Ideação Suicida; Jovens.

Abstract

Introduction: Traditional dating abuse and cyber abuse are a growing social problem, given their relationship with the increase in depression and suicidal ideation. Objective: To explore the relationship between traditional abuse and cyber abuse in dating and their relationship with depression and suicidal ideation in young people. Method: The sample consisted of young Portuguese people aged between 18 and 25, who completed a Sociodemographic Questionnaire, the Questionnaire on Cyber Abuse in Dating, the Inventory of Conflicts in Adolescent Dating Relationships, the Clinical Assessment of Depression Inventory and the Questionnaire of Suicidal Behaviors – Revised. Results: A significant correlation was found between traditional abuse and cyber abuse, between traditional abuse, depression and suicidal ideation, and between cyber abuse and depression. No correlation was found between cyber abuse and suicidal ideation. There were also differences between the sexes regarding victimization by direct aggression, the use of abusive and positive conflict resolution strategies by the partner. There was also a higher reported of traditional emotional abuse. In addition, males were the ones who most reported acts of partner violence. Most subjects were victims of cyber abuse, but also a perpetrator. There are no differences according to sex in depression and suicidal ideation. However, most subjects in the sample also do not show indicators of depression or suicidal ideation. Finally, there was a correlation between witnessing violence in the family context and the use of abusive conflict strategies.

Keywords: Cyber abuse; Abuse in Dating; Depression; Suicidal Ideation; Young people.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Abuso Tradicional no Namoro.....	2
Ciberabuso no Namoro.....	4
Depressão e Ideação Suicida	6
Relação entre Abuso Tradicional e Ciberabuso no Namoro	8
Relação entre Abuso Tradicional e Ciberabuso no Namoro, Depressão e Ideação Suicida	9
Metodologia	12
Objetivos	12
Hipóteses	12
Desenho do Estudo	13
Procedimento	14
Amostra	15
Instrumentos	16
Análise de Dados	20
Resultados	20
Discussão dos Resultados	30
Conclusão	33
Referências Bibliográficas.....	35
Anexos	45

Índice de Tabelas

Tabela 1- Descrição da amostra

Tabela 2- Percentagem dos diferentes tipos de ciberabuso no namoro

Tabela 3- Percentagem das diferentes formas de abuso no namoro

Tabela 4- Pontos de corte do IACLID

Tabela 5- Pontos de corte da ideação suicida

Tabela 6- Diferenças entre sexos nas dimensões de agressão direta e de controlo

Tabela 7- Diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas no namoro

Tabela 8- Diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas no namoro

Tabela 9- Adoção de formas de abuso em função do sexo

Tabela 10- Diferenças de depressão em função do sexo.

Tabela 11- Diferença de sexo na ideação suicida

Tabela 12- Correlação entre ciberabuso e abuso no namoro

Tabela 13- Correlação entre ciberabuso e abuso no namoro

Tabela 14- Correlação entre ciberabuso e ideação suicida

Tabela 15- Correlação entre abuso no namoro e depressão

Tabela 16- Correlação entre abuso no namoro e a ideação suicida

Tabela 17- Diferenças entre testemunho de violência no contexto familiar e utilização de estratégias de conflito abusivas

Índice de Anexos

Anexo A- Questionário Sociodemográfico

Anexo B- Pedido para utilização do instrumento Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

Anexo C- Resposta da autora do instrumento Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

Anexo D- Pedido para utilização do instrumento Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes

Anexo E- Resposta da autora do instrumento Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes

Anexo F- Pedido para utilização do instrumento Inventário de Avaliação Clínica da Depressão

Anexo G- Pedido para utilização do instrumento Questionário de Comportamentos Suicidários – Revisto

Anexo H- Resposta do autor do instrumento Questionário de Comportamentos Suicidários – Revisto

Introdução

Atualmente o abuso tradicional no namoro, estabelece-se como um grave problema de saúde e de comportamento, principalmente entre jovens adultos (Caridade & Barros, 2018). Podemos caracterizar o abuso tradicional no namoro como uma ação violenta, cometida por um ou ambos os sujeitos envolvidos numa relação de namoro. Este ato pode ser pontual ou contínuo e tem como propósito exercer controle sobre a outra pessoa (APAV, 2019). Este tipo de violência apresenta múltiplas formas, que podem ocorrer simultaneamente (*Center Disease Control and Prevention* [CDC], 2020).

Fruto da crescente utilização das tecnologias de comunicação, surgiu uma nova forma de abuso no namoro, o ciberabuso nos relacionamentos amorosos (Borrajo, et al., 2015). Este evidencia-se como um crescente problema de saúde pública, dado que cada vez mais as novas tecnologias, que levaram ao desenvolvimento de redes sociais que facilitam a manutenção de relacionamentos entre adolescentes, serem fontes que possibilitam diversas formas de vitimização, como o ciberabuso no namoro (Caridade, et al., 2020). É também importante ressaltar que o ciberabuso é um fenómeno de extrema importância, dado que as taxas de vitimização tendem a variar entre 12% e 56% e as taxas de perpetração entre 12% e 54% (Stonard, et al., 2017).

Posto isto, e considerando a reduzida investigação realizada nacionalmente sobre a temática do ciberabuso, a presente investigação permitirá uma melhor compreensão do fenómeno e das mudanças que ambas as formas de abuso no namoro acarretam na vida destes indivíduos, principalmente a nível psicológico, destacando-se a relação com a depressão e a ideação suicida (Ulloa & Hammett, 2016; Caridade & Barros, 2018; Borrajo & Gamex-Guadix, 2016; Flach & Deslanches, 2017; Wolford-Clevenger et al., 2016; Dardis et al., 2019; Sargent et al., 2016; Watkins et al., 2018; Gracia-Leiva, et al., 2020).

Neste sentido o objetivo deste estudo é compreender e explorar a relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro, e a relação destes com a depressão e a ideação suicida em jovens dos 18 aos 25 anos. Considerando o referido, o trabalho encontra-se estruturado em duas partes: a primeira parte engloba o enquadramento teórico, que define as variáveis em estudo e explora a relação entre estas e a segunda parte que diz respeito à metodologia, resultados e discussão.

Enquadramento Teórico

Abuso Tradicional no Namoro

O abuso no namoro constitui-se atualmente um grave problema de saúde e de comportamento entre os adolescentes e os jovens adultos, gerando alterações significativas na vida destes e condicionando o seu percurso desenvolvimental (Caridade & Barros, 2018). Esta caracteriza-se por um ato de violência pontual ou contínuo, cometido por um dos parceiros envolvidos numa relação amorosa tendo por objetivo controlar, dominar e exercer o seu poder sobre uma das pessoas envolvidas neste relacionamento (APAV, 2019).

Quanto à sua natureza este tipo de violência pode ser física, constituindo-se por atos como bater, chutar ou empurrar o parceiro, pode ser também sexual, tendo relações sexuais forçadas com o parceiro, pode ser psicológica englobando atos como humilhar, assediar, ou controlar as amizades do parceiro, pode integrar violência verbal, insultando, difamando e humilhando o outro, e ainda violência relacional controlando os tempos livre do parceiro, as suas atividades e as relações que mantem com a sua família e amigos (APAV, 2020).

O abuso no namoro é assim um problema relevante de saúde pública, dada a sua associação com o aparecimento de diversos problemas a nível comportamental, destacando-se o consumo de substâncias, comportamentos antissociais e comportamentos sexuais de risco e a nível da saúde mental salientando-se perturbação de stress pós-traumático, depressivas, de ansiedade e alimentares (Ulloa & Hammett, 2016). Para além disso, tanto a vitimização como a perpetração deste tipo de violência estão associados à ideação e comportamentos suicidas (Caridade & Barros, 2018).

Este tipo de violência tem sido considerado por diversos estudos como um fenómeno multicausal, encontrando-se diversos fatores relacionados com a sua ocorrência (Baker, 2016; Choi, et al., 2017; Ouytsel et al., 2017; Sabina, et al., 2016). Uma meta-análise de 15 estudos verificou que variáveis individuais, familiares e de grupo de pares são preditores de violência no namoro. Desta forma, variáveis como uso de substâncias psicoativas, ser do sexo masculino, perpetuar violência sexual, grupo de pares com comportamentos agressivos, sofrer ou perpetuar *bullying*, má relação pais-filhos e violência nas famílias de origem são exemplos de fatores de risco para a perpetração da violência no namoro (Gracia-Leiva, et al., 2019). Para além das variáveis

já referidas, estudos constataram como variáveis individuais associadas à vitimização, ser do sexo feminino e aceitação da violência nas relações amorosas (Choi et al., 2017).

Relativamente aos fatores contextuais os estudos revelam que a exposição a violência no contexto familiar, seja por exposição a maus-tratos, seja por testemunhar esta violência, é uma variável de risco com uma forte associação à violência no namoro (Calvete, et al., 2018; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015).

Os estudos encontram também uma forte presença intergeracional nos casos de violência no namoro (Faias, et al., 2016; Karlsson, et al., 2016). Tais estudos têm por base a teoria de aprendizagem social de Bandura e McClelland (1977), que explica que a violência é aprendida por meio de observação e imitação vicariante, ou seja, jovens que cresçam em famílias onde há violência doméstica observam repetidamente estes modelos de resolução de conflitos conjugais imitando mais tarde nas suas próprias relações.

Denota-se também uma tendência preocupante dos adolescentes para relativizarem e minimizarem este tipo de violência, lendo estes atos como cuidado e amor (Ameral, et al., 2017). Um estudo realizado em 2020 pela UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), com uma amostra de 4598 jovens com uma idade média de 15 anos constatou que 67% dos participantes não consideravam pelo menos um dos seguintes comportamentos como violência no namoro, 26 % legitimavam o controlo, 23% a perseguição, 19% a violência conjugal, 15% a violência psicológica, 14% a violência através das redes sociais e 5 % relativizavam a violência física. Para além disto, os atos de violência mais aceites pelos jovens prendem-se por insultar durante uma discussão (25%), incomodar/procurar insistentemente (23%), entrar nas redes sociais do parceiro sem autorização (35%), insultar através das redes sociais (17%), pressionar para beijar (29%) e empurrar/bater sem deixar marca (6%). Dos jovens envolvidos neste estudo 58% deles também relataram já ter sido vítimas de comportamentos violentos, sendo o mais relatado a violência psicológica. No que respeita à vitimização de atos violentos não foram encontradas diferenças entre sexos. Neste sentido, 30% das raparigas e 28% dos rapazes reportaram insultos durante uma discussão, 25% das raparigas e 20% dos rapazes reportaram que já foram proibidos pelo (ex)namorado/a de estar ou falar com amigos/as durante a relação. No que respeita às diferenças entre sexos relativamente à violência no namoro, os resultados apresentam uma certa disparidade no que toca às taxas de vitimização e perpetração (Rubio-Garay, et al., 2015). Apesar de a maioria dos estudos apontar o sexo feminino como mais

propenso a sofrer atos de violência nas relações de namoro (Reidy et al., 2016; Wincentak et al., 2017), estudos tem encontrado cada vez menos diferenças estatisticamente significativas entre sexos, no que toca à vitimização e a perpetuação deste tipo de violência (Sebastián, et al., 2014; Costa et al., 2013; Melim & Pereira, 2013). Tal é verificado também em um programa de intervenção nacional realizado por Saavedra e colaboradores (2013), que concluiu que as diferenças de utilização de estratégias de conflito abusivas não eram diferentes entre sexos, nem antes da implementação do programa nem após.

Ciberabuso no Namoro

Nos últimos anos a tecnologia tornou-se essencial no dia-a-dia da maioria das pessoas, transfigurando as relações através da criação de novos espaços de socialização. Apesar de as novas práticas digitais poderem ajudar no processo de socialização, principalmente nos adolescentes (Hellevik, 2019; Deans & Bhogal, 2017; Flach & Deslanches, 2017; Peskin et al., 2017), facilitando muitas vezes o desenvolvimento de vínculos afetivos entre estes, estas podem também ser utilizadas como forma de perpetração de violência no namoro (Stonard, 2020; Zweig, et al., 2014).

Desta forma, trata-se de um problema de saúde pública a crescente e constante utilização das redes sociais pelos adolescentes. Por isso, este problemático uso influencia cada vez mais as relações interpessoais destes jovens (Baker & Carreño, 2016; Mosley & Lancaster, 2019). Este fenómeno é assim intitulado de ciberabuso (Borrajo, et al., 2016; Pereda et al., 2015), cuja terminologia internacional denomina de *Cyber Dating Abuse* (Flach & Deslanches, 2017).

Apesar de compartilhar algumas semelhanças com a violência tradicional o ciberabuso apresenta distinções. Primeiramente acontece de forma rápida, fácil e continuada tendo a potencialidade de ocorrer em qualquer lado, não havendo necessidade do agressor estar presente, podendo ocorrer mesmo após o término do relacionamento (Ouytsel, et al., 2016; Stonard, et al., 2014). Para além disto, há uma maior dificuldade em responsabilizar e conter os comportamentos dos agressores devido ao anonimato. É também um tipo de violência relativamente permanente dado que pode haver publicações humilhadoras na internet ou mensagens, que podem ficar permanentemente no meio tecnológico (Ouytsel, et al., 2016). Este fenómeno pode assim ser caracterizado por um conjunto de ameaças, insultos, humilhações e comportamentos que pretendem controlar o parceiro, com recurso a meios eletrónicos,

provocando angústia no outro (Borrajo, et al., 2015; Flach & Deslanches, 2017; Van Ouytsel, et al., 2016). Este integra comportamentos de dois tipos, de controlo e de agressão direta. Os estudos que analisam a diferença entre estes tipos de comportamentos registam uma maior prevalência de controlo (Borrajo, et al., 2015; Borrajo & Gámez-Guadiz, 2016; Gracia-Leiva, et al., 2020; Muñis-Rivas, et al., 2019). No que concerne à sua distinção, os comportamentos de agressão direta são caracterizados por atos que visam causar danos no parceiro, englobando atitudes como insultar, ameaçar ou espalhar informações privadas e depreciativas do outro (Zweig et al., 2013; Borrajo, et al., 2015). Já comportamentos de controlo referem-se a ações que visam controlar e invadir a privacidade digital do parceiro (Reed et al., 2016). Assim, este tipo de comportamento é demarcado por ações como controlo das amizades, controlo de publicações nas redes sociais, pedidos de localização ao parceiro, verificações do telemóvel do parceiro para controlar chamadas, mensagens e contactos e envio de mensagens ofensivas, com ameaças ou com objetivo rebaixar o parceiro (Smith et al., 2018; Stanley et al., 2016; Donoso-Vázquez, et al., 2017).

Posto isto, e tal como já referido, os estudos apresentam uma maior prevalência do controlo neste tipo de violência. Tal deve-se ao facto de os jovens serem menos conscientes desses comportamentos como uma forma de abuso, relativizando estas atitudes devido a crenças de que o amor e o ciúme justificam tais ações, considerando estes comportamentos como uma prova de amor (Cava, et al., 2020). Assim, a normalização do ciúme pelos jovens como um sinal de amor, juntamente com a falta de experiência anterior em lidar com conflitos nos relacionamentos, pode explicar também esta propensão para o controlo do parceiro (Carrascosa, et al., 2016).

No que toca à prevalência deste fenómeno verifica-se que as taxas de vitimização entre adolescentes poderão variar entre 12% e 56% e as taxas de perpetração entre os 12% e 54%, sendo que estes resultados tão díspares se devem ao tipo de instrumento utilizados nas diferentes investigações (Stonard, et al., 2017).

No que respeita às diferenças entre o tipo de abuso um estudo realizado por Borrajo e colaboradores (2015) constatou elevadas taxas de vitimização por controlo (58.8%) e elevadas taxas de agressão por controlo (66.9%). Um estudo realizado em Portugal por Caridade e Braga (2019), também encontrou maiores taxas de vitimização e de agressão por controlo (58.8% vs. 66.9%), em comparação com vitimização e perpetração por agressão direta (18% vs. 14.7%).

No que concerne às diferenças entre sexos a maioria dos estudos realizados sobre o tema oferecem evidências limitadas, apresentando taxas de vitimização semelhantes entre o sexo feminino e masculino (Borrajo & Gamez-Guadix, 2016; Burke et al., 2011; Reed et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016; Zapor et al., 2017). Um estudo realizado por Zapor e colaboradores (2017) encontrou que, 72% dos homens e 74% das mulheres referiram ter sido pelo menos vítima de um ato de ciberabuso. Borrajo e Gamez-Guadix (2016) também apresentam valores que corroboram tal informação, em que 82.8% dos homens e 80.4% das mulheres referem se sentir controlados por seus parceiros *online*. Estudos relatam ainda taxas equitativas de vitimização e perpetração de ciberabuso referindo que mulheres tendem a praticar mais ciberabuso do tipo “controle” (Borrajo, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Wolford-Clevenger, 2016) e os homens usualmente mais a categoria “agressão direta”, compartilhando imagens e mensagens de *sexting* das parceiras (Rueda, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Temple, et al., 2016; Morelli, et al., 2016) após o término do namoro, tornando o *revenge porn* viral (Borrajo, et al, 2015).

Depressão e Ideação Suicida

A depressão constitui-se como ampla gama de problemas de saúde mental, sendo marcada por sintomas emocionais, cognitivos, físicos e comportamentais negativos (Sampaio et al., 2014). Desta forma, as perturbações depressivas são caracterizadas por tristeza, sentimentos de vazio, humor irritável, alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente o funcionamento do indivíduo gerando perda de prazer as atividades (*American Psychological Association* [APA; DSM-5], 2013). Segundo a APA (2013) há uma maior prevalência da perturbação depressiva major em indivíduos com idades entre 18 e 29 anos, porém esta tende-se a desenvolver na adolescência, sendo desta forma a perturbação depressiva mais prevalente nesta fase desenvolvimental (APA, 2013). A Organização Mundial de Saúde (2017) corrobora esta informação referindo que a depressão não se desenvolve apenas na idade adulta, mas também pode surgir em crianças e adolescentes. Todavia, a depressão na adolescência, aparece com uma sintomatologia diferente da depressão em idade adulta, dado que se demonstra indiretamente, através de alterações do comportamento, do sono, de apetite e em dificuldade de concentração (Garber, & Weersing, 2010; Davim et al., 2012; Thapar et al., 2012 *cit in* Grolli et al., 2017).

No que diz respeito às taxas de prevalência estima-se que a depressão em jovens e adolescentes varie entre 3.1% a 68%, apresentando uma elevação constante no início da adolescência (Grover, et al, 2019; APA, 2013). Mais especificamente, a nível europeu, verifica-se que problemas de saúde mental como depressão, tem uma papel na saúde mental dos jovens. Sendo a depressão uma das cinco principais causas de doença em geral nesta população (WHO, 2018). Um estudo realizado recentemente na Índia, com jovens com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos, estimou que 29.6% apresentavam sintomas depressivos (Vishalkalyani, et al, 2021). A nível da população em geral estima-se que 300 milhões de pessoa sofram de depressão, o que equivale a 4.4% da população mundial (WHO, 2017). Quanto as diferenças entre sexos, o sexo feminino apresenta maiores índices de depressão (Shi et al., 2021; Silverstein, 2002; Hasin et al., 2005; Toribio-Caballero, et al., 2022; Sáenz-Herrero, 2015; Salk et al., 2017).

A depressão apresenta também uma forte associação com a ideação suicida, constituindo-se um fator de risco para o suicídio. Estima-se que 800 mil pessoas comentam suicídio anualmente, sendo considerada a segunda principal causa de morte em sujeitos da faixa etária dos 15 aos 29 anos (Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], 2016).

Sendo a adolescência um período bastante complexo do desenvolvimento humano, podendo levar a adoção de comportamentos de risco, sendo um deles o suicídio que abrange a ideação suicida, tentativas de suicídio e o suicídio propriamente dito (Alves, et al., 2015; Monteiro, et al., 2015). Diversos fatores podem predispor a ideação suicida, contudo, os comportamentos suicidas na população adolescentes normalmente estão associados a fatores de risco como: pobreza, violência, disparidades económicas, problemas familiares, consumo de substâncias, baixo suporte social, insatisfação amorosa, solidão, histórico familiar de comportamentos suicidários, tentativa prévia de suicídio e a ideação suicida (Chachamovich, 2009 *cit in* Sá Sousa, et al., 2020).

Nos jovens os pensamentos suicidas por vezes são frequentes, principalmente quando associados com stressores, todavia usualmente são passageiros e nem sempre necessitam de intervenção. No entanto, quando estes se intensificam e tornam-se mais frequentes, o risco de existir um comportamento suicida consumado aumenta. O facto de os adolescentes e jovens adultos serem normalmente mais propensos à impulsividade, pois a sua maturidade emocional ainda não se desenvolveu, gera uma

maior dificuldade em lidar com as situações causadoras de stress agudo, como por exemplo o fim de um relacionamento, situações que causam vergonha e humilhação, rejeições, fracasso escolar ou perda de um ente querido. Tais incidentes podem mesmo funcionar como impulsionadores de atos suicidas (Botega, 2015).

No que respeita à ideação suicida propriamente dita, esta caracteriza-se por ideias, pensamentos e planeamento da própria morte. Abrange comportamentos e pensamentos como atitudes, condutas ou planos para o suicídio consumado (Laranjeira, 2015). É importante considerar que geralmente a presença de ideação suicida é por si só um sinal de sofrimento psicológico, exigindo desta forma uma cautela ainda maior no momento da avaliação clínica, pois pode estar associada a presença de transtorno psiquiátrico (Botega, 2015).

Relativamente às diferenças entre sexos verifica-se que o sexo masculino apresenta um número mais elevado de suicídio consumado, contudo o sexo feminino apresenta taxas mais elevadas de tentativas de suicídio (Gouveia & Nogueira, 2017). Todavia, quando se fala na ideação suicida verifica-se uma maior propensão de pensamentos suicidas e de ideação no sexo feminino (Lewinsohn, 2001; Ibrahim, et al., 2014).

Relação entre Abuso Tradicional e Ciberabuso no Namoro

A violência no namoro pode assumir diversas formas, sendo estas abuso físico, psicológico e/ ou sexual, podendo ocorrer em simultâneo e de forma direta ou virtual (CDC, 2020). Assim, a nova tecnologia digital demonstra-se como um meio para os perpetradores de abuso no namoro atingirem adicionalmente os seus parceiros. O ciberabuso é qualitativamente distinto do abuso tradicional, pois este pode ser perpetuado a qualquer hora e em qualquer lugar, gerando nas vítimas um sentimento de incontrolabilidade do abuso, podendo ter resultados ainda mais negativos do que o abuso *offline* (Stornard, 2020; Smith, et al., 2018; Fernet, et al., 2019). Para além disto, é importante referir que apesar de estes tipos de violência no namoro partilharem características entre si são bastantes distintos também, principalmente pelo facto de ser de uma extrema complexidade uma vítima de ciberabuso evitar este tipo de violência dada a sua natureza. Constata-se ainda que o ciberabuso demonstra maior probabilidade de revitimização, pois os agressores tendem a ser mais desinibidos dado a possibilidade de anonimato (Van Ouytsel, et al., 2018).

É também referido pela literatura que vítimas de abuso tradicional são mais propensas a ser vítimas de ciberabuso (Borrajo, et al., 2015; Van Ouytsel, et al., 2016; Marganski & Melander, 2015; Wright, 2015). Um estudo realizado por Zweig e colaboradores (2013) com uma amostra de 3745 jovens dos Estados Unidos, verificou que o ciberabuso ocorrer normalmente em conjunto com outras formas de violência no namoro, mais especificamente com violência sexual. Este estudo comprovou ainda, que metade das adolescentes vítimas de ciberabuso, foram também vítimas de abuso físico no namoro e que vítimas de ciberabuso sofreram abuso psicológico no namoro face-a-face.

Dois estudos realizados em Espanha, um com 433 universitários com idades compreendidas entre 18 e 30 anos e outro com 492 adolescentes corroborou esta informação, confirmando a relação existente entre ciberabuso e abuso tradicional no namoro (Borrajo, et al., 2015; Cava, et al., 2020). Verificou-se ainda que a vitimização verbal e emocional por abuso offline demonstra-se como um dos principais fatores de risco para a vitimização por ciberabuso de controlo (Cava, et al., 2020). Um outro estudo realizado em Espanha por Gracia-Leiva e colaboradores (2020) com uma amostra de 1227 participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e 28, verificou 76% já tinha experimentado alguma forma de abuso tradicional e que 68.8% já tinha vivenciado alguma forma de ciberabuso. Para além disto 56.8% vivenciaram ambas as formas de abuso no namoro. No que respeita às diferenças de sexo, constatou-se que o sexo feminino tendencialmente apresenta mais taxas de vitimização por abuso físico, enquanto o sexo masculino demonstra maiores taxas de vitimização por ciberabuso (Zweig et al., 2013).

No que toca à literatura nacional um estudo realizado em Portugal por Caridade e colaboradores (2020), com uma amostra de 173 jovens adultos, encontrou correlações positivas entre os tipos de abuso tradicional (física, verbal-emocional e controlo) e entre as duas formas de ciberabuso (agressão e controlo), tanto a nível de vitimização como de perpetração. A vitimização verbal-emocional demonstrou-se como a principal variável explicativa da vitimização por ciberabuso de controlo. Desta forma, verificou-se que a vitimização verbal-emocional face-a-face é um fator de risco para o ciberabuso de controlo.

Relação entre Abuso Tradicional e Ciberabuso no Namoro, Depressão e Ideação Suicida

O fenómeno de abuso nas relações de intimidade é um acontecimento extremamente presente na atualidade, podendo acarretar um impacto danoso na vida de quem a experiência (Caridade & Barros, 2018). Através de uma análise da literatura conclui-se que os efeitos que surgem nas vítimas são múltiplos. Assim, estudos tem evidenciado que sujeitos do sexo feminino, vítimas de abuso no namoro, são mais vulneráveis a experienciar sentimentos de desanimo, tristeza, ideação suicida e tentativas de suicídio (Santos & Caridade, 2018; Bossarte, et al, 2008 *cit in* Caridade & Barros, 2018). A literatura refere também que sujeitos expostos a abuso no namoro, do sexo masculino, são propensos a experienciar ansiedade, depressão ou perturbação de stress Pós-traumático (Callahan, et al, 2003 *cit in* Caridade & Barros, 2018).

No que toca à relação entre depressão e abuso no namoro, um estudo realizado com 1187 adolescentes com idades entre 16 e 22 anos, encontrou uma associação entre abuso no namoro e sintomas de depressão (Van Ouytsel, et al, 2017). Um outro estudo, realizado em Itália com 770 estudantes universitários, encontrou também uma relação robusta entre abuso no namoro e depressão em jovens universitários (Gutiérrez, et al, 2019).

Relativamente à relação entre abuso no namoro e ideação suicida, um estudo realizado em Portugal por Caridade e Barros (2018) com 262 jovens com idade média de 23 anos, encontrou uma relação estatisticamente significativa entre ideação suicida e abuso nos relacionamentos amorosos.

Em relação ao ciberabuso este é um forte preditor negativo de ajustamento psicossocial dos adolescentes, denotando-se muitas vezes implicações graves a nível psicológico (Flach & Deslanches, 2017). Tal deve-se à sua natureza constante e permanente, com ausência de limites geográficos e temporais, que gera sentimentos de desamparo, fazendo as vítimas deste fenómeno se sentirem incapazes de evitar este tipo de violência (Stornard, 2020; Peskin, et al., 2017; Borrajo & Gámez-Guadix, 2016; Temple, et al., 2016). Assim, verifica-se em diversos estudos uma ligação forte entre ciberabuso e depressão (Borrajo, et al., 2016; Dardis et al., 2019; Flach & Deslanches, 2017; Sargent et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016; Watkins et al., 2018;) e entre ciberabuso e ideação suicida (Flach & Deslanches, 2017; Gracia-Leiva, et al., 2020)

Um estudo realizado em Espanha com 782 jovens com idades entre 18 e 30 anos, corrobora esta informação, indicando uma robusta relação entre ciberabuso e depressão (Borrajo & Gamex-Guadix, 2016). Tal ainda é também verificado em um estudo realizado por Zweig e colaboradores (2013), com 3745 adolescentes, que constatou uma relação forte entre a vitimização por ciberabuso e aumento de sintomas depressivos.

Dois estudos realizados com jovens universitários, um para explorar se a vitimização por abuso no namoro predizia sintomas depressivos 6 semanas após controlar o nível inicial de sintomas depressivos, e um segundo estudo para verificar se existia uma relação bidirecional entre a vitimização e o ciberabuso. Constatou-se que existe uma relação entre ciberabuso e depressão, mas esta não é bidirecional, ou seja, este estudo verificou que o ciberabuso se constitui como um fator de risco para o desenvolvimento de depressão, mas que a depressão não se constitui um fator de risco para a vitimização por ciberabuso (Toplu-Demirtas, et al., 2020).

Um outro estudo realizado em Espanha, com 1227 raparigas com idades compreendidas entre os 13 e os 28 anos, que pretendia verificar se havia uma associação entre abuso, ciberabuso e ideação suicida, verificou que 22.7% dos participantes relataram ideação suicida, 11.2% conversaram com alguém sobre suicídio e 8% tentaram suicídio. O estudo verificou que as taxas de ideação suicida e de tentativa de suicídio, eram maiores em vítimas de abuso e de ciberabuso do que naquelas que não haviam sofrido algum tipo de violência no namoro (Gracia-Leiva, et al., 2020).

Importa ainda referir que na literatura portuguesa a relação entre todas as variáveis em estudo nunca foi explorada, principalmente destaca-se a escassez de estudos que relacionem a violência tradicional com o ciberabuso no contexto português. Posto isto, e partindo da fundamentação teórica, o presente estudo pretende contribuir para um conhecimento mais amplo e aprofundado das variáveis em estudo.

Assim, e considerando o referido pela literatura, neste estudo iremos explorar a relação entre abuso tradicional, ciberabuso, depressão e ideação suicida em jovens dos 18 aos 25 anos.

Metodologia

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral explorar a relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro e a relação destes com depressão e ideação suicida em jovens dos 18 aos 25 anos. No que refere aos objetivos específicos, pretende-se caracterizar/descrever o abuso tradicional e ciberabuso no namoro, explorar se existem diferenças nas pontuações de abuso tradicional, ciberabuso, depressão e ideação suicida em função do sexo e se ter presenciado atos de violência no contexto familiar influenciou as pontuações de utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas.

Hipóteses

Tendo em consideração os objetivos do estudo procedeu-se a elaboração das seguintes hipóteses:

H1: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre ciberabuso e abuso no namoro (Borrajo, et al., 2015; Stonard, et al., 2017);

H2: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre as dimensões de agressão direta- vitimização e controlo-vitimização e depressão (Borrajo & Gamex-Guadix, 2016; Dardis et al., 2019; Flach & Deslanches, 2017; Sargent et al., 2016; Watkins et al., 2018; Wolford-Clevenger et al., 2016; Zweig et al., 2013);

H3: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre as dimensões de agressão direta- vitimização e controlo-vitimização e ideação suicida (Borrajo & Gamex- Guadix, 2016; Flach & Deslanches, 2017; Wolford-Clevenger et al., 2016; Dardis et al., 2019; Sargent et al., 2016; Watkins et al., 2018; Gracia-Leiva, et al., 2020);

H4: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre a resolução de conflitos abusiva do parceiro e depressão (Ulloa & Hammett, 2016);

H5: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre resolução de conflitos abusiva do parceiro e ideação suicida (Caridade & Barros, 2018);

H6: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas no sexo feminino nas dimensões de agressão direta- vitimização e controlo-perpetração (Borrajo, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Wolford-Clevenger, 2016);

H7: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas no sexo masculino nas dimensões de agressão direta-perpetração e controlo-vitimização (Rueda, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Temple, et al., 2016; Morelli, et al., 2016);

H8: Espera-se encontrar percentagens mais elevadas nas dimensões de controlo do que de agressão direta (Borrajo, et al., 2015; Borrajo & Gámez-Guadiz, 2016; Caridade & Braga, 2019; Gracia-Leiva, et al., 2020);

H9: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas de resolução de conflitos abusivas no namoro no sexo masculino do que no feminino (Reidy et al., 2016; Wincentak et al., 2017);

H10: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas de resolução de conflitos positiva no sexo feminino do que no masculino (Saavedra, 2010)

H11: Espera-se encontrar maior adoção de formas de abuso no sexo masculino que no feminino (Reidy et al., 2016; Wincentak et al., 2017);

H12: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas de depressão no sexo feminino (Chaplin, et al., 2009 *cit in* Khesht-Masjedi, 2018);

H13: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas de ideação suicida no sexo feminino (Lewinsohn, 2001; Ibrahim, et al., 2014)

H14: Espera-se encontrar pontuações mais elevadas de utilização de estratégias de conflito abusivas em sujeitos que presenciaram atos de violência no contexto familiar (Calvete, et al., 2018; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015).

Desenho do Estudo

O presente estudo possui uma abordagem quantitativa, pretendendo assim o estabelecimento de factos e a análise da relação entre as variáveis através da verificação das hipóteses em estudo e da obtenção de resultados que permitam generalizações a outros estudos (Fortin et al., 2009). No que respeita ao desenho de estudo, segue um desenho de investigação transversal, descritivo, analítico, que segundo Fortin (2009) permite a caracterização e conhecimento do fenómeno numa determinada situação ou numa população específica. Para além disto possibilita a medição da ocorrência do fenómeno em um ou mais momentos, no presente trabalho definiu-se a recolha de dados em apenas um momento.

Procedimentos

Tendo por objetivo a realização do presente trabalho, foi efetuada uma vasta revisão bibliográfica acerca da temática em estudo. Seguidamente, procedeu-se a uma seleção dos instrumentos, tendo em consideração não só as qualidades psicométricas destes, mas também as variáveis em estudo.

Desta forma, tendo como objetivo a obtenção dos instrumentos necessários, os autores que desenvolveram estes foram contactados para o efeito. Inicialmente procedeu-se ao contacto da autora do Questionário sobre Ciberabuso no Namoro e do autor do Questionário de Comportamentos Suicidários, que disponibilizaram os instrumentos e os restantes materiais necessários prontamente. Para obtenção de um instrumento para avaliar a depressão foi contactado o Centro de Atendimento Psicológico e Formação Especializada (FACes), da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa, para obtenção do BDI (*Beck Depression Inventory*), todavia o instrumento não estava disponível para a língua portuguesa. Desta forma, recorreu-se ao Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC), pertencente à Universidade de Coimbra, para obtenção do Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (IACLID), sendo este disponibilizado.

Por fim, para obtenção de um instrumento que permitisse avaliar o abuso no namoro, foi feito o pedido do Questionário sobre Vivências Amorosas Abusivas, o pedido não foi concedido dado que o instrumento tinha sido desenvolvido apenas para a dissertação da aluna, não tendo validação. Posto isto, procedeu-se ao contacto da autora do Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P) desenvolvido por Lucas, Pinheiro e Simões em 2017, contudo não se obteve qualquer resposta dos autores. Procedeu-se então ao contacto da autora que adaptou originalmente este instrumento para a população portuguesa a Doutora Rosa Saavedra, para obter o inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes (CADRI), que se prontificou e enviou de imediato o instrumento e todos os materiais necessários.

No que respeita à recolha de dados, esta foi realizada em formato *online*. Assim, o protocolo de investigação foi divulgado nas redes sociais (*Facebook, Instagram*) e através do *E-mail*. Foram também contactadas escolas profissionais (p.e. Profitecla, Cenatex, Inestese, Forave, APCEB, CEN, etc). Para reforço da recolha de dados, o estudo foi divulgado junto das turmas da Universidade Católica de Braga, através dos

representantes de turma e dos professores. Também se procedeu ao contacto de outras universidades, contudo foi pedido o parecer da comissão de ética, impossibilitando assim a divulgação da investigação. No momento de recolha de dados ficou explícito aos participantes os objetivos do estudo, o carácter voluntário do mesmo, a possibilidade de desistir ou recusar participar no estudo e ainda a garantia de que todos os dados fornecidos serão confidenciais, respeitando assim o anonimato. Deste modo, foi desenvolvido um consentimento informado para o efeito.

No que concerne aos critérios de inclusão, o estudo foi destinado a jovens dos 18 e 25 anos de nacionalidade Portuguesa.

Amostra

A amostra (Tabela1) é constituída por 160 jovens de nacionalidade portuguesa. A maioria é do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos ($M=20.58$, $DP=2.492$), na generalidade são solteiros (96.9%), sendo que destes a grande parte tem esta relação de namoro atualmente (63.1%). No que toca à escolaridade, a maioria tem o 12.º ano terminado (62.5%). Relativamente à possibilidade já ter presenciado violência entre pais, a maioria respondeu que não, contudo 26.9% já presenciaram. Quanto à violência entre outros membros da família a maioria respondeu que não, contudo 31.3% afirma que sim.

Tabela 1

Descrição da amostra (N=160)

Variável	Grupos	<i>n</i>	%
Idade	18-20	88	55
	21-25	72	45.1
Sexo	Masculino	30	18.8
	Feminino	130	81.3
Escolaridade	9.º ano ou menos	18	11.3
	12.º ano	100	62.5
	Licenciatura	26	16.3
	Mestrado	15	9.4
	Doutoramento	1	0.6

Estado civil	Solteiro (a)	155	96.9
	Casado(a)	4	2.5
	Divorciado(a)	1	0.6
Namorado atualmente	Sim	101	63.1
	Não	59	36.9
Testemunho de violência no contexto familiar	Sim	43	26.9
	Não	117	73.1

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (Anexo A) é constituído por questões de cariz mais pessoal, que não comprometem a confidencialidade do participante. Este é constituído por questões de escolha múltipla ou de resposta curta e simples, tendo por exemplos questões como sexo, idade, escolaridade, situação amorosa atual, entre outras.

Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (Caridade & Braga, 2019)

O Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN), foi adaptado para a população portuguesa por Caridade e Braga (2019) a partir do *Cyber Dating Abuse Questionnaire* (Borrajo, et al., 2015). Este permite avaliar os níveis de vitimização e de perpetração de Ciberabuso no namoro.

É um instrumento de autorrelato constituído por 40 itens, sendo que 20 avaliam a vitimização e 20 a perpetração. No que diz respeito as pontuações, valores elevados indicam maior prevalência de vitimização ou de perpetração por ciberabuso. A escala de resposta, é uma escala tipo *Likert* de 6 pontos (1-Nunca. Isto nunca aconteceu na nossa relação amorosa; 6- Muitas vezes.

Aconteceu mais de 20 vezes). Os itens do instrumentos dividem-se por 4 dimensões: agressão direta – vitimação (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já ameaçou agredir-me fisicamente através das novas tecnologias”), agressão direta – perpetração (e.g., “Eu já enviei mensagens a insultar e/ou humilhar o(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a), utilizando as novas tecnologias”), controlo – vitimação (e.g., “O(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a) já acedeu aos

conteúdos do meu telemóvel sem a minha permissão”) e controlo-perpetração (e.g., “Eu já controlei as amizades das redes sociais do(a) meu/minha parceiro(a) ou ex-parceiro(a)”) (Borrajo et al., 2015 *cit in* Caridade & Braga, 2019).

No estudo de adaptação do instrumento para a população portuguesa, obteve-se boas características psicométricas, verificando-se assim uma boa consistência interna. Desta forma, o valor de alfa de *Cronbach* para os fatores de vitimização por agressão direta foi de .86 e o de controlo expôs um α de *Cronbach* de .91. Já relativo à perpetração, obtiveram-se α de *Cronbach* de .89 e .84 no fator agressão direta e controlo, respetivamente (Caridade & Braga, 2019). No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.78 para a vitimização por agressão direta, de 0.92 na vitimização por controlo, de 0.74 na perpetuação de agressão direta e de 0.82 na perpetuação de controlo.

Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (Saavedra, Machado, Martins & Vieira, 2008)

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes foi adaptado para a população portuguesa por Saavedra, Machado, Martins e Vieira (2008), sendo a versão original o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI; Wolfe, Scott, & Reitzel-Jaffe, 2001).

Este é um inventário de autorrelato, constituído por 35 itens bidirecionais (total de 70 itens) que pretende avaliar manifestações de comportamentos violentos e recurso a estratégias positivas ou negativas de resolução de conflitos, delimitando se o comportamento é do próprio ou do parceiro. É constituído por 2 escalas, a escala de estratégias positivas de resolução de conflitos e a escala de estratégias negativas de resolução de conflitos e por 5 subescalas: comportamento ameaçador, abuso relacional, abuso emocional, abuso físico, abuso sexual e abuso psicológico. A sua aplicação destina-se a sujeitos com idade superior a 14 anos (Saavedra, 2010)

A escala de resposta é uma escala tipo *Likert* de 4 pontos, desta forma as opções de resposta são: Nunca (Isto nunca aconteceu na relação), Raramente (isto aconteceu apenas 1-2 vezes na relação), Às vezes (Isto aconteceu cerca de 3-5 vezes na relação) e frequentemente (Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante a relação). Para obtenção da pontuação da escala de estratégias de resolução de conflitos negativas, somam-se os valores obtidos em cada um dos itens pertencente à mesma (Saavedra, 2010).

É também possível obter-se uma pontuação para cada uma das subescalas, somando valores obtidos nos itens que albergam cada uma delas. Os itens que compõem a escala estratégias positivas (ou não abusivas) de resolução de conflitos, atuam como itens distratores e não são contabilizados para a pontuação total (Wolfe et al., 2001).

No que diz respeito aos resultados obtidos para cada subescala, estes permitem aferir o tipo de comportamento violento praticado, a frequência deste e por quem é praticado durante o relacionamento amoroso. Relativamente as normas, o instrumento não possui quaisquer normas (Wolfe et al., 2002; Saavedra, 2010). Desta forma, o que é referido pelos autores é a utilização dos valores dos percentis (P10, P25, P75, P90) para dividir os grupos relativamente aos scores totais dos fatores (Saavedra, 2010).

O instrumento apresenta também boas características psicométricas, sendo que a adaptação para Portugal obteve um *alfa de Cronbach* de 0.90. Relativamente ao valor do *alfa* para as escalas/dimensões avaliadas de comportamento violência próprio e comportamento do outro, os valores de *alfa* foram de 0.82 e 0.81 respetivamente (Saavedra, 2010). No presente estudo obteve-se um *alfa de Cronbach de 0.90* na escala total e de 0.82 para os comportamento próprio e de 0.83 para o comportamento do outro.

Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz Serra, 1994)

O Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (IACLID) foi desenvolvido para a população portuguesa pelo professor Vaz Serra (1994). É um inventário de autorresposta, que pretende medir a presença e a intensidade de quadros clínicos depressivos, permitindo ainda classificar a depressão como leve, moderada ou grave. O instrumento deve ser respondido, tendo em consideração o estado que o sujeito se sentiu nas últimas duas semanas.

Este é constituído por 23 questões (p.e. “No meu dia-a-dia não preciso de recorrer à ajuda das outras pessoas mais do que o costume”; “No momento presente não tenho qualquer dificuldade em começar a dormir”) relacionadas com alterações cognitivas, biológicas, interpessoais e de desempenho de tarefas. Para além disto, o instrumento alberga 5 fatores: desempenho de tarefas, personalidade obsessiva, constelação suicida, personalidade apelativa e transtornos do sono.

Este instrumento é constituído por escala tipo *Likert* de 5 pontos, sendo que as opções de resposta variam consoante o item. Para a obtenção da pontuação global do instrumento, os itens são cotados de 0 a 4 e deve-se realizar o somatório das pontuações

dos itens. A pontuação global possibilita a classificação da depressão em leve moderada ou grave. Assim, valores inferiores a 20 indicam ausência de depressão, entre 20 e 34 depressão leve, entre 35 e 52 depressão moderada e superior a 53 depressão grave (Vaz-Serra, 1994).

No que diz respeito às propriedades psicométricas do instrumento, no estudo realizado por Vaz Serra (1994) a partir de uma amostra de 340 pacientes com depressão, obteve-se uma correlação de 0.854 e um coeficiente de *Spearman* de 0.920, relevando assim uma boa consistência interna, todavia o autor não faz qualquer referência a valores de *alfa de Cronbach*. No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.95.

Questionário de Comportamentos Suicidários - Revisto (Campos & Holden, 2019)

O questionário de comportamentos suicidários foi desenvolvido a partir do *Suicidal Behavior Questionnaire - Revised* (Osman et al., 2001), sendo adaptado para a população portuguesa por Campos e Holden (2019). Este questionário tem como objetivo primordial avaliar a ideação suicida e/ou tentativas de suicídio, a gravidade e frequência de comportamentos suicidários e a presença de tentativas de suicídio anteriores no último ano. É um instrumento de autorrelato constituído por 4 itens (p.e. "Já alguma vez pensou em matar-se ou tentou matar-se?"). A escala de resposta é do tipo *Likert* e pode variar entre 1 e 4 no item um, 1 e 5 no item dois, 1 e 3 no item três e 0 e 6 no item quatro.

O valor total do instrumento é obtido através da soma dos itens, sendo que o valor total pode variar entre 3 e 18. Desta forma, pontuações mais elevadas indicam maior probabilidade de ideação suicida e/ou tentativa de suicídio. O instrumento apresenta ainda como ponto de corte 7, assim indivíduos que possuam uma pontuação igual ou superior a 7 apresentam 29 vezes mais de probabilidade de tentativa de suicídio do que sujeitos com pontuação inferior a 7 (Campos & Holden, 2019).

No que respeita às características psicométricas do instrumento, a adaptação para a população portuguesa de Campos e Holden (2019) que albergou duas amostras não clínicas, obteve uma consistência interna razoável ($\alpha = .77$). No presente estudo obteve-se um α de *Cronbach* de 0.80.

Análise de Dados

Após a recolha de dados estes foram inseridos no programa *IBM SPSS Statistics* versão 28, de forma a realizar posteriormente uma análise estatística dos resultados obtidos.

Para obtenção das pontuações médias dos instrumentos foi realizada uma análise estatística, através de medidas de tendência central (média, mediana e moda) e de dispersão (desvio padrão e percentagens), permitindo assim descrever os dados recolhidos. As variáveis sociodemográficas também foram alvo de uma análise descritiva.

Para verificar se a amostra segue uma distribuição normal foi realizada uma avaliação da normalidade a partir do teste de *Kolmogorov-Smirnov's*. A partir deste, verificou-se que as variáveis seguem uma distribuição não normal, tal implica a utilização de testes não paramétricos. Tendo em consideração o referido, para a realização das correlações foi utilizado o teste não paramétrico de *Spearman*, pois as variáveis seguem uma distribuição não normal. Desta forma, a magnitude das correlações foi lida através dos critérios definidos por Cohen (1998), em que um coeficiente de 0.10 a 0.29 é baixo, de 0.30 a 0.49 é moderado e de 0.50 a 1.0 é alto (*cit in Pallant, 2007*). Foram ainda realizados testes de diferenças, como o de *Mann-Whitney (U)* e do *Qui-Quadrado* com correção de Yates, para explorar as diferenças entre sexos e as diferenças entre ter presenciado ou não violência no contexto no contexto familiar.

Resultados

No que se refere à prevalência das diferentes formas de ciberabuso, como se pode verificar na tabela 2, a maioria dos sujeitos relata ter sido vítima de uma forma de ciberabuso, constatando-se maior prevalência no sexo masculino. Adicionalmente, a maioria dos sujeitos indica ter sido vítima maioritariamente de ciberabuso por controlo. Relativamente à perpetuação, uma percentagem considerável de sujeitos relata já terem praticado alguma forma de ciberabuso, sendo mais prevalente no sexo masculino. A forma mais perpetuada de ciberabuso é ciberabuso por controlo.

Tabela 2*Percentagem dos diferentes tipos de ciberabuso no namoro*

		Sexo		
		Masculino <i>n</i> (%)	Feminino <i>n</i> (%)	Total <i>n</i> (%)
Vitimização	Total	29 (96.67)	83 (63.85)	112 (70)
	Controlo	19 (63.33)	61 (46.92)	80 (50)
	Agressão direta	10 (33.33)	22 (26.92)	32 (20)
Perpetuação	Total	23 (76.67)	83 (63.85)	106 (66.25)
	Controlo	18 (60)	68 (52.30)	86 (53.75)
	Agressão direta	5 (16.67)	15 (11.54)	20 (12.5)

Relativamente à prevalência de diferentes formas de abuso no namoro (tabela 3), contata-se que a maioria relata resolução positiva de conflitos quer própria, quer do parceiro. Contudo também há um relato de utilização de formas de resolução de conflitos abusivas quer do próprio, quer do outro. Destaca-se ainda utilização de comportamentos ameaçadores e de abuso emocional próprio. Quanto as formas de abuso adotadas pelo parceiro, destaca-se uma maior prevalência do abuso emocional.

Tabela 3*Percentagem das diferentes formas de abuso no namoro*

		Sexo		
		Masculino <i>n</i> (%)	Feminino <i>n</i> (%)	Total <i>n</i> (%)
Comportamentos do próprio	Resolução conflitos positiva	29 (96.67)	128 (98.46)	157 (98.13)
	Resolução de conflitos abusiva	26 (86.67)	110 (84.62)	136 (85)
	Comportamento de ameaça	22 (73.33)	82 (63.08)	104 (65)
	Abuso físico	6 (20)	18 (13.85)	24 (15)

	Abuso sexual	6 (20)	12 (9.23)	18 (11.25)
	Abuso emocional	23 (76.67)	91 (70)	114 (71.25)
Comportamentos do parceiro	Resolução conflitos positiva	29 (96.67)	127 (97.69)	156 (97.5)
	Resolução de conflitos abusiva	26 (86.67)	108 (83.08)	134 (83.75)
	Comportamento de ameaça	14 (46.67)	27 (20.77)	41 (25.63)
	Abuso físico	10 (33.33)	14 (10.77)	24 (15)
	Abuso sexual	8 (26.67)	30 (23.08)	38 (23.75)
	Abuso emocional	25 (83.33)	91 (70)	116 (72.5)

No que diz respeito à depressão, como se pode observar na tabela 4, a maioria dos sujeitos apresenta ausência de depressão. Dos sujeitos que relatam sintomatologia correspondente à presença de depressão, não se verifica, percentualmente, uma diferença considerável entre sexos.

Tabela 4

Pontos de corte do IACLID

		Depressão	
		Ausência de depressão	Presença de depressão
		<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)
Sexo	Masculino	21 (70)	9 (30)
	Feminino	89 (68.5)	51 (31.6)
Total		110 (68.8)	60 (31.3)

Relativamente à ideação suicida, como se pode perceber pela tabela 5, a maioria dos sujeitos relata ausência de ideação suicida. Todavia, dos sujeitos que relatam ideação suicida, a maioria é do sexo feminino.

Tabela 5*Pontos de corte da ideação suicida*

		Ideação suicida	
		Ausência <i>n</i> (%)	Possibilidade <i>n</i> (%)
Sexo	Masculino	23 (76.7)	7 (23.3)
	Feminino	84 (64.6)	46 (35.4)
Total		107(66.9)	53 (33.16)

Utilizando o teste U de *Mann-Whitney* (Tabela 6), para avaliar a título exploratório as diferenças nas dimensões de agressão direta (vitimização e perpetuação) e de controlo (vitimização e perpetuação) em função do sexo, verificou-se diferenças estatisticamente significativas relativamente à vitimização por agressão direta, constatando-se maior relato de vitimização por agressão direta no sexo masculino. Relativamente à perpetuação de agressão direta, perpetuação de controlo e vitimização por controlo, não se verificam diferentes entre sexos.

Tabela 6*Diferenças entre sexos nas dimensões de agressão direta e de controlo*

	Masculino	Feminino	Estatística de teste	
	(<i>n</i> =30)	(<i>n</i> =130)	<i>U</i>	<i>p</i>
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
Agressão direta- Vitimização	91.35	78.00	1624.500	.042*
Agressão direta- Perpetuação	84.02	92.70	1624.500	.42
Controlo- Perpetuação	83.30	79.85	1866.000	.698
Controlo- Vitimização	79.69	77.68	1866.000	.69

Nota. *OM* = Ordem Média; *U* = Mann-Whitney; *p* = nível de significância **p*<.05

Com recurso ao teste U de *Mann-Whitney*, para avaliar a título exploratório as diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas (tabela 7), verifica-se uma diferença estatisticamente significativa entre a utilização de estratégias de conflito abusivas do parceiro e o sexo. Encontra-se um maior relato de

utilização de estratégias de resolução de conflitos negativas por parte parceiro no sexo masculino. Relativamente à resolução de conflitos abusiva do próprio, não se verificam diferenças significativas, apesar de se constatar valores mais elevados no sexo masculino.

Tabela 7

Diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas no namoro

	Masculino	Feminino	Estatística de teste	
	(n=30)	(n=130)	<i>U</i>	<i>p</i>
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		
Resolução de conflitos abusiva do próprio	91.40	77.98	1623.000	.151
Resolução de conflitos abusiva do parceiro	103.72	75,14	1253.500	.002**

Nota. *OM* = Ordem Média; *U* = Mann-Whitney; *p* = nível de significância ** $p < .01$

Com recurso ao teste *U* de *Mann-Whitney* (tabela 8), para analisar a título exploratório as diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas no namoro, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na resolução de conflitos positiva do parceiro, encontrando-se valores superiores no sexo feminino. Quanto à utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas próprias, não se verificam diferenças estatisticamente significativas, contudo foram encontrados valores mais elevados no sexo feminino.

Tabela 8

Diferenças entre sexos na utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas no namoro

	Masculino	Feminino	Estatística de teste	
	(n=30)	(n=130)	<i>U</i>	<i>p</i>
	<i>OM</i>	<i>OM</i>		

Resolução de conflitos positiva do próprio	74.95	81.78	10631.50	.465
Resolução de conflitos positiva do parceiro	57.65	85.77	1264.500	.003**

Nota. OM = Ordem Média; U = Mann-Whitney; p = nível de significância **p<.01

Relativamente à análise a título exploratório da adoção de forma de abuso em função do sexo (tabela 9), com recurso ao teste U de *Mann-Whitney*, constatou-se diferenças estatisticamente significativas. Desta forma, verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre abuso físico do parceiro e o sexo masculino, entre abuso emocional do parceiro e sexo masculino e entre comportamento de ameaça do parceiro e sexo masculino. Tal indica que o sexo masculino relata maior abuso físico, emocional e comportamento de ameaça por parte do parceiro, do que o sexo feminino.

Tabela 9

Adoção de formas de abuso em função do sexo

	Masculino	Feminino	Estatística de teste	
	(n=30)	(n=130)	U	p
Abuso físico próprio	OM 84.15	OM 79.66	1840.500	.44
Abuso físico parceiro	94.58	77.25	1527.500	.003**
Abuso sexual próprio	87.57	78.87	1738.000	.091
Abuso sexual parceiro	82.28	80.09	1896.500	.754
Abuso emocional próprio	88.50	78.65	1710.000	.286
Abuso emocional parceiro	102.25	75.48	1297.500	.004**
Comportamento ameaça próprio	86.80	79.05	1761.000	.392
Comportamento ameaça parceiro	99.17	76.19	1390.000	.001***

Nota. OM = Ordem Média; U = Mann-Whitney; p = nível de significância; *p<.05;

p<.01; *p<.001

Para avaliar a título exploratório as diferenças em função do sexo, relativamente à depressão, foi utilizado o teste de *Qui-Quadrado* para independência com correção de Yates (tabela 10). Tal indicou que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre o sexo e a depressão $X^2(1, n = 160) = .013, p = .870, phi = .013$

Tabela 10

Diferenças de depressão em função do sexo

		Depressão		Inferência Estatística		
		Ausência de depressão <i>n</i> (%)	Presença de depressão <i>n</i> (%)	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
Sexo	Masculino	21 (70)	9 (30)	0.027	1	.870
	Feminino	89 (68.5)	41 (31.5)			

Nota. OM = Ordem Média; χ^2 = Distribuição do Qui-quadrado; *p* = nível de significância;

Para avaliar a título exploratório as diferenças em função do sexo, relativamente à ideação suicida, foi utilizado o teste de *Qui-Quadrado* para independência com correção de Yates (tabela 11). Tal indicou que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre o sexo e a ideação suicida $X^2(1, n = 160) = .100, p = .294, phi = .100$.

Tabela 11

Diferença de sexo na ideação suicida

		Ideação suicida		Inferência Estatística		
		Ausência <i>n</i> (%)	Possibilidade <i>n</i> (%)	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
Sexo	Masculino	23 (76.7)	7 (23.3)	1.100	1	.29
	Feminino	84 (64.6)	46 (35.4)			

Nota. OM = Ordem Média; χ^2 = Distribuição do Qui-quadrado; *p* = nível de significância

Para avaliar se há uma correlação entre o ciberabuso e abuso no namoro, recorreu-se ao teste de *Spearman*. Como se pode observar pela tabela 12, encontrou-se uma forte correlação entre o ciberabuso e o abuso no namoro.

Tabela 12

Correlação entre ciberabuso e abuso no namoro

	Abuso no namoro	
	<i>rs</i>	<i>p</i>
Ciberabuso	.55	<.001***

Nota. *** $p < .001$

Para avaliar se há uma correlação entre as dimensões de agressão direta-vitimização e controlo-vitimização e depressão, utilizou-se o teste de *Spearman*. Como se pode observar pela tabela 13, encontrou-se uma correlação baixa entre o ciberabuso e a depressão.

Tabela 13

Correlação entre ciberabuso e depressão

	Agressão direta vitimização		Controlo-Vitimização	
	<i>rs</i>	<i>p</i>	<i>rs</i>	<i>p</i>
Depressão	.16	<.043*	.16	<.043*

Nota. * $p < .05$

Através do teste de correlação de *Spearman* e como se pode observar pela tabela 14, não se encontrou uma correlação estatisticamente significativa entre as dimensões de agressão direta- vitimização e controlo-vitimização e ideação suicida. Para além disto, verifica-se que a vitimização por agressão direta se correlaciona negativamente com a ideação suicida.

Tabela 14*Correlação entre ciberabuso e ideação suicida*

	Agressão direta vitimização		Controlo-Vitimização	
	<i>rs</i>	<i>p</i>	<i>rs</i>	<i>p</i>
Ideação suicida	-.04	0.664	.02	0.765

Para avaliar se há uma correlação entre a resolução de conflitos abusiva do parceiro e depressão, utilizou-se o teste de *Spearman*. Como se pode observar pela tabela 15, encontrou-se uma pequena correlação entre a resolução de conflitos abusiva do parceiro e a depressão.

Tabela 15*Correlação entre abuso no namoro e depressão*

	Resolução de conflitos abusiva do parceiro	
	<i>rs</i>	<i>p</i>
Depressão	.25	<.002**

Nota. ** $p < .01$

Para avaliar se há uma correlação entre resolução de conflitos abusiva do parceiro e ideação suicida, recorreu-se ao teste de *Spearman*. Como se pode observar pela tabela 16, encontrou-se uma pequena correlação entre a resolução de conflitos abusiva do parceiro e a ideação suicida.

Tabela 16*Correlação entre abuso no namoro e a ideação suicida*

	Abuso no namoro	
	<i>rs</i>	<i>p</i>
Ideação suicida	.16	.046*

Nota. * $p < .05$

Utilizando o teste U de *Mann-Whitney* (Tabela 17), para avaliar se há pontuações mais elevadas de utilização de estratégias de resolução de conflitos negativas em sujeitos que foram expostos ou testemunharam violência no contexto familiar. Verificou-se uma diferença estatisticamente significativa. Desta forma, constata-se maior relato de utilização de estratégias de conflito negativas em sujeitos que presenciaram violência no contexto familiar.

Tabela 17

Diferenças entre testemunho de violência no contexto familiar e utilização de estratégias de conflito abusivas

	Testemunho de violência no contexto familiar		Estatística de teste	
	Sim (<i>n</i> =43)	Não (<i>n</i> =117)	<i>U</i>	<i>p</i>
Resolução de conflitos abusiva própria	<i>OM</i> 94.98	<i>OM</i> 75.18	1893.00	.016**

Nota. *OM* = Ordem Média; *U* = Mann-Whitney; *p* = nível de significância; ** $p < .01$

Discussão dos Resultados

O principal objetivo do presente estudo era explorar a relação entre abuso tradicional e ciberabuso no namoro e a relação destes com depressão e ideação suicida.

No que diz respeito às percentagens dos diferentes tipos de ciberabuso no namoro, o presente estudo verificou que a maioria dos sujeitos foi vítima de ciberabuso e que também perpetuou ciberabuso, tal vai ao encontro do artigo de validação da escala. Contudo, o presente estudo encontrou uma maior percentagem de vitimização em comparação com o artigo de validação da escala (70% vs 59.2%). Para além disso, e tal como no estudo de validação, foram encontrados valores mais baixos de vitimização e de perpetuação por de agressão direta e valores mais elevados de vitimização e perpetuação por controlo (Caridade & Braga, 2019). Tais resultados vão também de encontro a um estudo internacional desenvolvido por Borrajo e colaboradores (2015).

Quanto às percentagens das diferentes formas de abuso tradicional no namoro, o presente estudo verificou que o abuso emocional era o mais relatado pelos participantes, seja como comportamento próprio ou do parceiro. Tal vai ao encontro de um estudo nacional desenvolvido pela UMAR (2020), onde a forma de violência mais utilizada foi o abuso psicológico.

Relativamente às percentagens de prevalência de depressão, o presente estudo obteve maiores indicadores de ausência de depressão. Quanto aos níveis de ideação suicida, a maioria dos sujeitos apresentou indícios de ausência de ideação suicida.

Quanto às diferenças entre sexos nas dimensões de agressão direta e controlo (vitimização e perpetuação) o presente estudo encontrou uma diferença estatisticamente significativa na vitimização por agressão direta, sendo mais relatada pelo sexo masculino. Tais resultados não vão ao encontro do esperado, dado que diversos estudos apontam o sexo masculino como maior perpetrador de agressão direta (Rueda, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Temple, et al., 2016; Morelli, et al., 2016). Contudo, um estudo desenvolvido por García-Sánchez e colaboradores (2017), com adolescentes mexicanos, verificou que o sexo masculino tende a ser mais controlador e a indicar maiores níveis de agressão direta, seja como vítima seja como perpetrador, ou seja, o sexo masculino é quem mais agride, mas também se percebe como sendo alvo de agressões. Para além disto, tais valores podem também dever-se à baixa amostra alcançada para o sexo masculino e podem também ser um indicador de uma maior sensibilização do sexo masculino sobre estes atos de violência.

Ademais, e ao contrário do esperado, não se verificaram diferenças entre sexos nas dimensões de perpetuação de agressão direta, de perpetuação de controlo e de vitimização por controlo. Apesar de diversos estudos apontarem o sexo feminino como maior perpetrador de controlo (Borrajo, et al., 2015; Taylor, et al., 2015), e o sexo masculino como maior perpetrador de agressão direta e maior vítima de controlo (Rueda, et al., 2015; Taylor, et al., 2015; Temple, et al., 2016; Morelli, et al., 2016), também é indicado em inúmeros estudos, tal como no presente estudo, que não são encontradas diferenças entre sexos (Borrajo & Gamez-Guadix, 2016; Burke et al., 2011; Reed et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016; Zapor et al., 2017). Estes resultados podem ser o reflexo dos diferentes instrumentos utilizados nos estudos referidos. Adicionalmente, podem refletir uma banalização de ambos os sexos de atos de violência praticados online, principalmente atos de ciberabuso por controlo, que engloba comportamentos abusivos menos explícitos (por exemplo envio contaste de mensagens, pedidos de localização), sendo estes atos por vezes percecionados como um sinal de amor e preocupação (Cava, et al., 2020).

No que diz respeito à utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas, o presente estudo verificou um maior relato de utilização de estratégias de resolução de conflito abusivas por parte do parceiro no sexo masculino e maior relato de estratégias de resolução de conflito positivas do parceiro no sexo feminino. Para além disto, e quanto à adoção de formas de abuso tradicional em função do sexo, o presente estudo encontrou maior vitimização por abuso físico, emocional e de comportamento de ameaça por parte do sexo masculino. Logo, o sexo masculino relata que os seus parceiros utilizam mais estratégias de conflitos abusivas e o sexo feminino indica que os parceiros utilização mais estratégias de conflito positivas. Tais resultados não vão ao encontro do que era esperado, dado que diversos estudos apontam que é o sexo feminino que tende a sofrer e a relatar mais atos de violência no namoro pelo parceiro (Reidy et al., 2016; Wincentak et al., 2017; Choi et al., 2017; Saavedra, 2010). Contudo, uma intervenção nacional desenvolvida por Saavedra e colaboradores (2013), não encontrou diferenças entre sexos na utilização de estratégias de conflitos abusivas, nem antes da implementação do programa nem depois. Tal também se verificou em outros estudos (Sebastián, et al., 2014; Costa et al., 2013; Melim & Pereira, 2013), onde também não foram encontradas diferenças entre sexos tanto na vitimização ou na perpetuação deste tipo de violência no namoro. Tais resultados, encontrados por estes estudos, indicam menos disparidades entre sexos no que toca à violência no namoro, o

que pode explicar os resultados obtidos. Estes resultados podem também refletir uma tendência, por parte do sexo feminino, em relativizar estes comportamentos de violência, considerando os mesmos como uma forma de cuidado e amor (Ameral, et al., 2017). Para além disso, podem ainda ser o reflexo de uma maior sensibilização do sexo masculino para os atos de violência.

Quantas às diferenças de depressão e ideação suicida em função do sexo, não foram encontradas diferenças significativas. Apesar de a maioria dos estudos apontar maior presença de depressão e de ideação suicida no sexo feminino (Lewinsohn, 2001; Ibrahim, et al., 2014; Shi et al., 2021; Toribio-Caballero, et al., 2022; Sáenz-Herrero, 2015; Salk et al., 2017) é o sexo masculino que habitualmente apresenta maiores taxas de suicídio consumado (Gouveia & Nogueira, 2017). Assim, tais resultados podem ser indicadores dessa tendência. Para além disto, estudos também referem existência de preconceito quanto às doenças mentais (Loureiro, et al, 2018), o que pode estar refletido nos resultados obtidos. Adicionalmente e como já referido anteriormente, estes resultados podem dever-se também ao facto de o presente estudo ter alcançado uma amostra reduzida e pouco diversificada.

Relativamente à correlação entre ciberabuso e abuso no namoro, o presente estudo encontrou, tal como esperado, uma forte relação entre ambas as variáveis. Tal é também verificado em diversos estudos internacionais (Borrajo, et al., 2015; Van Ouytsel, et al., 2016; Marganski & Melander, 2015; Wright, 2015; Cava, et al., 2020; Gracia-Leiva, et al., 2020) e nacionais (Caridade, et al., 2020). Estes estudos confirmam a existência de uma forte relação entre o ciberabuso e o abuso tradicional, afirmando que é habitual ambas as formas de abuso no namoro ocorrerem simultaneamente durante uma relação de namoro.

Quanto à relação entre o ciberabuso e depressão, tal como era esperado, também se encontrou uma correlação positiva significativa entre ambos. Tal é indicado em outros estudos (Flach & Deslanches, 2017; Borrajo, et al., 2016; Dardis et al., 2019; Flach & Deslanches, 2017; Sargent et al., 2016; Wolford-Clevenger et al., 2016; Watkins et al., 2018; Borrajo & Gamex-Guadix, 2016) verificando-se assim, que as vítimas de ciberabuso, tendem a apresentar implicações a nível psicológico.

Contudo, e ao contrário do esperado, não se verificou uma relação entre ciberabuso e ideação suicida. Tal não vai ao encontro dos estudos desenvolvidos sobre a temática, que indicam uma relação entre o ciberabuso e a ideação suicida (Flach & Deslanches, 2017; Gracia-Leiva, et al., 2020).

Quanto à relação entre o abuso tradicional e depressão e ideação suicida, como era esperado, foi encontrada uma forte correlação entre ambas as variáveis. Tais resultados são corroborados em diversos estudos que constataam que este tipo de violência está associado com o aumento de sintomatologia depressiva (Ulloa & Hammett, 2016; Van Ouytsel, et al, 2017; Gutiérrez, et al, 2019) e da ideação suicida (Caridade & Barros, 2018; Gracia-Leiva, et al., 2020).

Por fim, verificou-se que testemunhar violência no contexto familiar predispõem a utilização de estratégias de resolução de conflitos abusivas. Tal resultado vai de encontro ao esperado, sendo corroborado em inúmeros estudos, como por exemplo o de Garcia-Leiva e colaboradores (2019) que através de uma meta-análise de 15 estudos concluiu que presenciar violência no contexto familiar pode estar relacionado com a ocorrência de abuso no namoro. Para além deste estudo, vários autores aferem o mesmo, que a exposição a violência no contexto familiar (por maus tratos ou por testemunho de violência) é uma variável com forte associação à perpetuação de violência no namoro, aferindo assim a componente intergeracional deste tipo de violência (Calvete, et al., 2018; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015; Faias, et al., 2016; Karlsson, et al., 2016; Gracia-Leiva, et al., 2020).

Conclusão

O presente estudo possibilitou explorar a relação entre abuso tradicional, ciberabuso, depressão e ideação suicida em jovens com idades entre os 18 e 25 anos de nacionalidade portuguesa. Por consequência, favoreceu uma melhor compreensão do fenómeno, tão pouco explorado no contexto português. Apesar de o recurso as novas tecnologias ser uma nova forma de comunicação, que facilita o estabelecimento de relações de intimidade, é também uma forma de perpetuar abuso nas relações de namoro. Esta nova forma de abuso permite aos agressores serem protegidos pelos ecrãs, podendo abusar das vítimas de forma anónima e em qualquer altura, provocando graves consequências a nível do bem-estar psicológico (Cavalcanti & Coutinho, 2019).

Desta forma é essencial elucidar através de programas de intervenção ou de ações de formação, questões relacionadas com o ciberabuso de forma a alertar e prevenir os jovens para a problemática. Para além disto, os jovens devem também ser avisados para os efeitos que esta problemática pode ter a nível da saúde mental, dada a forte associação encontrada com a emergência de fragilidades psicológicas como é o

caso de depressão e ideação suicida (Santos & Caridade, 2018; Bossarte, et al, 2008 *cit in* Caridade & Barros, 2018; Flach & Deslanches, 2017).

Quanto às limitações do estudo destaca-se uma amostra relativamente reduzida e pouco diversificada, sendo a maioria dos sujeitos do sexo feminino, o que coloca em causa as conclusões retiradas quanto às diferenças entre sexos. Desta forma, é importante destacar que todos os testes de diferenças foram realizados a título meramente exploratório, dado que a amostra não permite a realização de comparações entre sexos, considerando o baixo número de participantes do sexo masculino. Para além disso, o presente estudo possui um desenho transversal de investigação, o que não permite retirar conclusões sobre possíveis relações causa-efeito das variáveis em estudo. Outra limitação que pode ser indicada, é o facto de os instrumentos terem sido aplicados numa fase pós-pandemia, logo os valores apresentados podem ser fruto dos efeitos da pandemia na saúde mental. Por fim, também é importante ter em consideração a desajustabilidade social, muitos dos participantes poderão ter respondido com o que achavam socialmente mais aceite e não com o que realmente representa a sua realidade.

Assim, em estudos futuros é importante obter uma amostra com um maior número de participantes e um maior equilíbrio entre sexos, de forma a assegurar uma amostra mais representativa e que permita extrapolar resultados.

O presente estudo contribui assim não só para uma melhor compreensão das variáveis em estudo e da relação entre as mesmas, mas permite também verificar um aumento de atos de abuso no namoro, seja o por abuso tradicional seja por ciberabuso. Aponta-se igualmente, como uma das principais conclusões, uma diminuição das diferenças entre sexos em ambos os tipos de abuso no namoro. Adicionalmente, no presente estudo é o sexo masculino que relata maiores atos de violência pelo parceiro. Tal pode indicar que o sexo masculino poderá estar mais sensibilizado para a temática, mas também comprova que cada vez mais existe uma bidirecionalidade da violência nas relações de namoro entre jovens (Straus & Gozjolko, 2014).

Posto isto, o presente estudo permite compreender a relação existente entre o abuso tradicional no namoro e o ciberabuso e em que medida tais formas de abuso são fatores que podem estar associados a depressão e ideação suicida nos jovens. Sendo esta uma etapa importante no seu desenvolvimento, um bom estabelecimento de relações saudáveis é crucial não só para a saúde mental dos mesmos, mas também para que desenvolvam capacidades essenciais para criar e manter relacionamentos futuros saudáveis.

Referências Bibliográficas

- Alves C., Zappe J. & Dell’Aglío D. (2015). Índice de comportamentos de risco: Construção e análise das propriedades psicométricas. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 371-82. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300003>
- Ameral, V., Reed, K., & Hines, D. (2017). An analysis of help-seeking patterns among college student victims of sexual assault, dating violence, and stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24), 5311–5335. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- APAV. (2019). *Violência no namoro*. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. <https://apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e1>
- APAV. (2020). *Violência no namoro-Folha informativa*. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood. A theory of development from the late teens through the twenties. *The American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Baker, C. (2016). Dating violence and substance use: Exploring the context of adolescent relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(5), 900-919. <https://doi.org/10.1177/0886260514556768>
- Baker, C. & Carreño, P. (2016) Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 308–320. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0196-5>
- Bandura, A., & McClelland, D. C. (1977). *Social learning theory* (Vol. 1). Prentice Hall: Englewood cliffs.
- Borrajo, E. & Gámez-Guadix, M. (2016). Abuso "online" en el noviazgo: relación con depresión, ansiedad y ajuste diádico. *Behavioral Psychology*, 24(2), 221–235. <http://hdl.handle.net/10486/679217>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565–585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>

- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema, 27*(4), 327–333. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.59>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., Pereda, N., & Calvete, E. (2015). The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Computers in Human Behavior, 48*, 358-365. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.063>
- Botega, N. (2015). Crise suicida: avaliação e manejo. *Ciência & Saúde Coletiva, 21*(11), 3633- 3634. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152111.20492016>
- Burke, S., Wallen, M., Vail-Smith, K., & Knox, D. (2011). Using technology to control intimate partners: An exploratory study of college undergraduates. *Computers in Human Behavior, 27*(3), 1162–1167. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.12.010>
- Calvete, E., Fernández-González, L., Orue, I., & Little, T. (2018). Exposure to family violence and dating violence perpetration in adolescents: Potential cognitive and emotional mechanisms. *Psychology of Violence, 8*(1), 67–75. <https://doi.org/10.1037/vio0000076>
- Campos, R., & Holden, R. (2019). Portuguese version of the Suicidal Behaviors Questionnaire- Revised: Validation data and the establishment of a cut-score for screening purposes. *European Journal of Psychological Assessment, 35*(2), 190–195. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000385>
- Caridade, S., & Barros, S. (2018). Violência nas relações íntimas juvenis e ideação e comportamentos suicidas. *Psicologia, Saúde & Doenças, 19*(2), 323-336. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190213>
- Caridade, S., E Sousa, H., & Dinis, M. (2020). Cyber and offline dating abuse in a portuguese sample: prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences (Basel, Switzerland), 10*(10), 152. <https://doi.org/10.3390/bs10100152>
- Carrascosa, L., Cava, M., & Buelga, S. (2016). Ajuste psicosocial en adolescentes víctimas frecuentes y víctimas ocasionales de violencia de pareja. *Terapia Psicológica, 34*(2), 93- 102. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082016000200002>
- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to physical dating violence victimization: The mediating role of psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal of Youth and Adolescence, 45*(4), 777–792. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0434-1>

- Cava, M., Martínez-Ferrer, B.; Buelga, S.; Carrascosa, L. (2020) Sexist attitudes, romantic myths, and offline dating violence as predictors of cyber dating violence perpetration in adolescents. *Computers in Human Behavior*, 1711, 106449. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106449>
- Center Disease Control and Prevention. (2020). *Preventing Teen Dating Violence*. <https://www.cdc.gov/injury/features/dating-violence/index.html>
- Choi, H., Weston, R., & Temple, J. (2017). A three-Step latent class analysis to identify how different patterns of teen dating violence and psychosocial factors influence mental health. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(4), 854–866. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0570-7>
- Deans, H., & Bhogal, M. (2017). Perpetrating cyber-dating abuse: A brief report on the role of aggression, romantic jealousy and gender. *Current Psychology*, 1-6. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9715-4>
- Donoso-Vásquez, T., Hurtado, M., & Baños, R. (2017). Las ciber agresiones en función del género. *Revista de Investigación Educativa*, 35(1), 197-214. <https://doi.org/10.6018/rie.35.1.249771>
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2016). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psychologica*, 59(1), 7-23. https://doi.org/10.14195/1647-8606_59-1_1
- Fernet, M., Lapierre, A., Hébert, M. & Cousineau, M. (2019). A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Computers in Human Behavior*, 100, 11–25. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.06.005>
- Flach, R., & Deslandes, S. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(7), 3-14. <https://doi.org/10.15090/0102-311X00138516>
- Fortin, M. (2009). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. (5a Ed.). (N. Salgueiro, Trad.). Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas.
- G. (2017). Psychological aggression committed through technology: A study with dating college students. *Partner Abuse*, 8(2), 127–145. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.8.2.127>
- García-Sánchez, P. V., Guevara-Martínez, C., Rojas-Solís, J. L., Peña-Cárdenas, F., & González Cruz, V. G. (2017). Apego Y Ciber-Violencia En La Pareja De Adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational*

- Psychology. *Revista INFAD de Psicología.*, 2(1), 541.
<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.879>
- García-Sánchez, P. V., Guevara-Martínez, C., Rojas-Solís, J. L., Peña-Cárdenas, F., & González Cruz, V. G. (2017). Apego Y Ciber-Violencia En La Pareja De Adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 2(1), 541.
<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.879>
- Gomes-Cavalcanti, J. & Coutinho, M. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: urna revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances en Psicología Latino americana*, 37(2), 235-254.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>
- Gomes-Cavalcanti, J. & Coutinho, M. (2019). Abuso digital nos relacionamentos amorosos: urna revisão sobre prevalência, instrumentos de avaliação e fatores de risco. *Avances en Psicología Latino americana*, 37(2), 235- 254.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6888>
- Gouveia, J., & Nogueira, H. (2017). O suicídio em Portugal: Ocorrências no Domínio Público Marítimo. *Cadernos de Geografia*, (36), 3-14.
https://doi.org/10.14195/0871-1623_36_1
- Gracia-Leiva, M., Puente-Martínez, A., Ubillos-Landa, S., & Páez-Rovira, D. (2019). La violencia en el noviazgo (VN): una revisión de meta-análisis. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 35(2), 300-313.
<https://doi.org/10.6018/analesps.35.2.333101>
- Gracia-Leiva, M., Puente-Martínez, A., Ubillos-Landa, S., González-Castro, J., & Páez-Rovira, D. (2020). Off- and online heterosexual dating violence, perceived attachment to parents and peers and suicide risk in young women. *International Journal Environmental Research and Public Health*, 17(9), 3174.
<https://doi.org/10.3390/ijerph17093174>
- Grolli, V., Wagner, M. & Dalbosco, S. (2017). Sintomas depressivos e de ansiedade em adolescentes do ensino médio. *Revista de Psicologia Da IMED*, 9(1), 87.
<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.2123>
- Grover, S., Raju, V., Sharma, A. & Shah, R. (2021). Depression in children and adolescents: a review of Indian studies. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 41(3), 216–227. https://doi.org/10.4103/IJPSYM.IJPSYM_5_19

- Hasin, S., Goodwin, D., Stinson, S., & Grant, F. (2005). Epidemiology of major depressive disorder: results from the National Epidemiologic Survey on Alcoholism and Related Conditions. *Archives of General Psychiatry*, *62*(10), 1097–1106. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.62.10.1097>
- Hellevik, P. (2019). Teenagers' personal accounts of experiences with digital intimate partner violence and abuse adolescentes sobre experiências com violência e abuso de parceiros íntimos digitais. *Computers in Human Behavior*, *92*, 178–187. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.019>
- Ibrahim, N., Amit, N., & Suen, M. W. (2014). Psychological factors as predictors of suicidal ideation among adolescents in Malaysia. *Plos One*, *9*(10), e110670. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0110670>
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in spanish adolescents. *Youth & Society*, *49*(3), 393–412. <https://doi.org/10.1177/0044118X16632138>
- Karlsson, M., Temple, J., Weston, R., & Le, V. (2016). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women*, *22*(5), 625–646. <https://doi.org/10.1177/1077801215605920>
- Khesht-Masjedi, M., Shokrgozar, S., Abdollahi, E., Golshahi, M., & Sharif-Ghaziani, Z. (2017). Comparing depressive symptoms in teenage boys and girls. *Journal of Family Medicine and Primary Care*, *6*(4), 775–779. https://doi.org/10.4103/jfmpe.jfmpe_129_17
- Laranjeira, P. (2015) *Relação entre depressão e ideação suicida em jovens adultos: o papel mediador da desesperança e da dor mental*. [Dissertação de mestrado publicada]. Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/16838>
- Lewinsohn, P., Rohde, P., Seeley, J., & Baldwin, C. (2001). Gender differences in suicide attempts from adolescence to young adulthood. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *40*(4), 427–434. <https://doi.org/10.1097/00004583-200104000-00011>
- Loureiro, A., Almendra, R., Costa, C., & Santana, P. (2018). Mortalidade por suicídio nos municípios de Portugal Continental: Evolução espaço-temporal entre 1980 e 2015. *Acta Médica Portuguesa*, *31*(1), 38–44. <https://doi.org/10.20344/amp.9423>

- Lucas, S., Pinheiro, M. & Simões, M. (2017). Inventário de conflitos na relação de namoro de adolescentes (CADRI-P). *Psicologia Forense: Instrumentos de Avaliação*. <http://hdl.handle.net/10316/47292>
- Marganski, A., & Melander, L. (2015). Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and its association with in-person dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(7), 1071–1095. <https://doi.org/10.1177/0886260515614283>
- Monteiro, R., Bahia, C., Paiva, E., Sá, N. Minayo, M. (2015) Hospitalizations due to self- inflicted injuries – Brazil, 2002 to 2013. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(3), 689-99. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015203.16282014>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema*, 28(2), 137–142. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.193>
- Mosley, M. & Lancaster, M. (2019). Affection and abuse: Technology use in adolescent romantic relationships. *The American Journal of Family Therapy*, 47 (1), 52–66. <https://doi.org/10.1080/01926187.2019.1586592>
- Muñiz-Rivas, M., Vera, M., & Povedano-Díaz, A. (2019). Parental style, dating violence and gender. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(15), 2722. <https://doi.org/10.3390/ijerph16152722>
- Novak, J., & Furman, W. (2016). Partner violence during adolescence and young adulthood: Individual and relationship level risk factors. *Journal Youth Adolescent*, 45(9), 1849- 1861. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0484-4>
- Organização Pan-Americana de Saúde. (2016). *Depressão*. <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>
- Osman, A., Bagge, C., Gutierrez, P., Konick, L., Kopper, B., & Barrios, F. (2001). The Suicidal Behaviors Questionnaire-Revised (SBQ-R): validation with clinical and nonclinical samples. *Assessment*, 8(4), 443–454. <https://doi.org/10.1177/107319110100800409>
- Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2016). Cyber dating abuse: Investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24), 5157–5178. <https://doi.org/10.1177/0886260517719538>.
- Ouytsel, J., Torres, E., Choi, H., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant

- behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2), 116-122. <https://doi.org/10.1177/1059840516683229>
- Pallant, J. (2007) *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis Using SPSS for Windows* (3rd ed.). McGraw Hill Open University Press.
- Pazos, M., Oliva, A. & Gómez, Á. (2014). Violence in young and adolescent relationships. *Revista Latino Americana de Psicología*, 46(3), 148-159. <http://www.scielo.org.co/pdf/rlps/v46n3/v46n3a02.pdf>
- Peskin, M., Markham, C., Shegog, R., Temple, J., Baumler, E., Addy, R., Hernandez, B., Cuccaro, P., Gabay, E., Thiel, M., & Emery, S. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(2), 358–375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Reed, L., Tolman, R., & Ward, M. (2016). Snooping and sexting: Digital media as a context for dating aggression and abuse among college students. *Violence Against Women*, 22(13), 1556–1576. <https://doi.org/10.1177/1077801216630143>
- Reidy, D., Ball, B., Houry, D., Holland, K., Valle, L., Kearns, M., Marshall, K., & Rosenbluth, B. (2016). In search of teen dating violence typologies. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 58(2), 202–207. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.09.028>
- Reyes, H., Foshee, V., Fortson, B., Valle, L., Breiding, M., & Merrick, M. (2015). Longitudinal mediators of relations between family violence and adolescent dating aggression perpetration. *Journal of Marriage and Family*, 77(4), 1016-1030. <https://doi.org/10.1111/jomf.12200>
- Rubio-Garay, F., Carrasco, Á., Amor, P. & López-González, M. (2015). Factores asociados a la violencia en el noviazgo entre adolescentes: una revisión crítica. *Anuario de Psicología Jurídica*, 25, 47-56. <https://doi.org/10.1016/j.apj.2015.01.001>
- Rueda, H., Lindsay, M., & Williams, L. (2015). “She Posted It on Facebook”: Mexican american adolescents’ experiences with technology and romantic relationship conflict. *Journal of Adolescent Research*, 30(4), 419–445. <https://doi.org/10.1177/0743558414565236>
- Sá Sousa, C., Mascarenhas, M., Gomes, K., Rodrigues, M., Miranda, C., Frota, K., (2020). Ideação suicida e fatores associados entre escolares adolescentes.

- Revista de Saúde Pública*, 54-33. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001637>
- Sabina, C., Cuevas, C., & Cotignola-Pickens, H. (2016). Longitudinal dating violence victimization among Latino teens: Rates, risk factors, and cultural influences. *Journal of Adolescence*, 47, 5–15. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.11.003>
- Sáenz-Herrero, M. (Ed). (2015). Psychopathology in women. Incorporating gender perspective into descriptive psychopathology. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-15179-9>
- Salk, H., Hyde, J. & Abramson, L. (2017). Gender differences in depression in representative national samples: Meta-analyses of diagnoses and symptoms. *Psychological Bulletin*, 143(8), 783- 822. <https://doi.org/10.1037/bul0000102>
- Sampaio, D., Figueira, M., Afonso, P. (2014). *Manual de Psiquiatria Clínica*. Lisboa, Lidel.
- Santos, A. P., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e e estratégias de coping. *Contextos Clínicos*, 12(1). <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.01>
- Sebastián, J., Verdugo, A. & Ortiz, B. (2014). Jealousy and violence in dating relationships: gender-related differences among a Spanish sample. *The Spanish Journal of Psychology*, 17 (94), 1-12. <https://doi.org/10.1017/sjp.2014.99>
- Shi, P., Yang, A., Zhao, Q., Chen, Z., Ren, X., & Dai, Q. (2021). A Hypothesis of Gender Differences in Self-Reporting Symptom of Depression: Implications to Solve Under- Diagnosis and Under-Treatment of Depression in Males. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 1- 10. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.589687>
- Silverstein B. (2002). Gender differences in the prevalence of somatic versus pure depression: a replication. *The American journal of psychiatry*, 159(6), 1051–1052. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.159.6.1051>
- Smith, K., Cénat, J., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220–223. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>
- Stanley, N., Barter, C., Wood, M., Aghtaie, N., Larkins, C., Lanau, A., & Överlien, C. (2016). Pornography, sexual coercion and abuse and sexting in young people's

- intimate relationships: A European study. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(19), 2919–2944. <https://doi.org/10.1177/0886260516633204>
- Stonard, K. (2020). “Technology was designed for this”: Adolescents’ perceptions of the role and impact of the use of technology in cyber dating violence. *Computers in Human Behavior*, 105, 106–211. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.106211>
- Stonard, K., Bowen, E., Lawrence, T., & Price, S. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and Abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior*, 19(4), 390–417. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.06.005>
- Stonard, K., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. (2017). “They’ll always find a way to get to you”: Technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 32, 1-35. <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>
- Taylor, K., Sullivan, T., & Farrell, A. (2015). Longitudinal relationships between individual and class norms supporting dating violence and perpetration of dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(3), 745–760. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0195-7>
- Temple, J., Choi, H., Brem, M., Wolford-Clevenger, C., Stuart, G., Peskin, M., & Elmquist, J. (2016). The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(2), 340–349. <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0380-3>
- Toribio-Caballero, S., Cardenal, V., Ávila, A., & Ovejero, M. (2022). Gender roles and women's mental health: their influence on the demand for psychological care. *Anales de Psicología*, 38(1), 7-16. <https://dx.doi.org/10.6018/analesps.450331>
- Ulloa, E., & Hammett, J. (2016). The effect of gender and perpetrator victim role on mental health outcomes and risk behaviors associated with intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(7), 1184-1207. <https://doi.org/10.1177/0886260514564163>
- União de Mulheres Alternativa e Resposta. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2020*. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/VN_2020_NACIONAL_U MAR.pdf
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2018). Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory

- perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(17), 2767–2776.
<https://doi.org/10.1177/0886260516629390>
- Vaz-Serra, A. (1994). IACLIDE: Inventário da Avaliação Clínica da Depressão. Edição Psiquiatria Clínica.
- Vishalkalyani, A., Suman, S., Bardia, R., Srinivasan, R., Nekkanti, V. (2021). Prevalence and extent of awareness of depression in youth. *International Journal of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences*, 13(6), 23-26.
<https://doi.org/10.22159/ijpps.2021v13i6.41394>
- WHO. (2017). Depression and other common mental disorders: Global health estimates.
[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2- eng.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf)
- WHO. (2018). Adolescent mental health in the European Region.
[http://www.euro.who.int/ data/assets/pdf_file/0005/383891/adolescent-mh-fs-eng.pdf?ua=1](http://www.euro.who.int/data/assets/pdf_file/0005/383891/adolescent-mh-fs-eng.pdf?ua=1)
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta- analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence*, 7(2), 224-241.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0040194>
- Wolfe, D., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277–293.
<https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>
- Wolford-Clevenger, C., Zapor, H., Brasfield, H., Febres, J., Elmquist, J., Brem, M., & Stuart, G. (2016). An examination of the partner cyber abuse questionnaire in a college student sample. *Psychology of Violence*, 6(1), 156–162. <https://doi.org/10.1037/a0039442>
- Wright, M. (2015). Cyber aggression within adolescents' romantic relationships: linkages to parental and partner attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 37–47. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0147-2>
- Zapor, H., Wolford-Clevenger, C., Elmquist, J., Febres, J., Shorey, R. C., Brasfield, H., Leisring, P. A., & Stuart, G. L. (2017). Psychological aggression committed through technology: A study with dating college students. *Partner Abuse*, 8(2), 127–145. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.8.2.127>

Zweig, J., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1306–1321.
<https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>

Anexos

Anexo A- Questionário Sociodemográfico

UNIVERSIDADE
CATOLICA
PORTUGUESA
BRAGA

Questionário sócio demográfico

Idade _____

Nacionalidade _____

Habilitações académicas _____

Sexo

Masculino

Feminino

Situação amorosa atual

Solteiro (a)

Casado(a)

Num relacionamento amoroso

Divorciado(a)

União de facto

Viúvo (a)

Escolaridade do pai

- 9.º ano ou menos
- 12.º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Escolaridade da mãe

- 9.º ano ou menos
- 12.º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Já alguma vez vivenciou/observou alguma situação de abuso na relação entre os seus familiares próximos (e.g., agressão física, insultos, perseguição/controlo, etc.)?

- Sim
- Não

Se sim, entre quem? _____

Anexo B- Pedido para utilização do instrumento Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

Pedido de autorização

De: **Daniela Filipa** | danii.filipa@hotmail.com

terça-feira, 27/04/2021, 11:05

Para: **soniac@ufp.edu.pt**

Cc: **Berta Maria Marinho Rodrigues Maia** | bmaia@ucp.pt

Exma. Sr.^a. Professora Doutora Sónia Caridade

Sou estudante do 1º ano de mestrado de Psicológica Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Encontro-me neste momento a desenvolver o meu pré-projecto de dissertação, sob a orientação da Prof.^a Doutora Berta Maia, cujo tema principal é: Relação entre abuso e ciberabuso no namoro, depressão e ideação suicida.

Assim, solicito a sua autorização para a utilização do Questionário sobre Ciberabuso no Namoro que adaptou em 2019 e, pedia-lhe que me enviasse o instrumento de avaliação, bem como o material necessário para cotação e interpretação dos resultados.

Atenciosamente,

Daniela Filipa Fernandes Gonçalves.

Anexo C- Resposta da autora do instrumento Questionário sobre Ciberabuso no Namoro

Re: Pedido de autorização

De: **Sonia Caridade** | soniac@ufp.edu.pt

terça-feira, 27/04/2021, 21:22

Para: **Daniela Filipa** | danii.filipa@hotmail.com

Cc: **Berta Maria Marinho Rodrigues Maia** | bmaia@ucp.pt

Cara Daniela,

Felicito-a pela escolha do tema.

Para os devidos efeitos, concedo autorização para o uso da versão portuguesa do Ciber Abuso no Namoro, sendo que a versão original é da autoria de Erika Borrajo.

Junto envio o instrumento e respetivo texto de apoio para que possa desenvolver o seu trabalho.

Envio igualmente uma revisão sistemática e metanálise que desenvolvi sobre o tema e caso tenha interesse em ler.

Boa sorte.

SC

**Anexo D- Pedido para utilização do instrumento Inventário de Conflitos na
Relação de Namoro de Adolescentes**

06/09/22, 15:08

Pedido de instrumento

Daniela Filipa Fernandes Gonçalves <s-dfgoncalves@ucp.pt>

ter, 02/11/2021 16:10

Para: rosasaavedra@apav.pt <rosasaavedra@apav.pt>

Cc: Berta Maria Marinho Rodrigues Maia <bmaia@ucp.pt>

Exmo. Sr^a. Professora Rosa Saavedra

Sou estudante do 2º ano de mestrado de Psicológica Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Encontro-me neste momento a desenvolver o meu projecto de dissertação, sob a orientação da Prof.^a Doutora Berta Maia, cujo tema principal é: Relação entre ciberabuso e abuso no namoro, depressão e ideação suicida. Assim, solicito a sua autorização para a utilização do Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes que adaptou para a população Portuguesa em 2008 e, pedia-lhe que me enviasse o instrumento de avaliação, bem como o material necessário para cotação e interpretação dos resultados.

Atenciosamente,
Daniela Filipa Fernandes Gonçalves.

Anexo E- Resposta da autora do instrumento Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes

06/09/22, 15:09

RE: Pedido de instrumento

Rosa Saavedra | APAV Sede | Porto <rosasaavedra@apav.pt>

qua, 03/11/2021 11:57

Para: Daniela Filipa Fernandes Gonçalves <s-dfgoncalves@ucp.pt>

📎 2 anexos (430 KB)

anexo ICRA.pdf; capítulo CADRI.pdf;

Cara Daniela,

Sim, tem a minha autorização. Em anexo a ferramenta e o capítulo de apoio.

Cumprimentos,

Rosa Saavedra.

Rosa Saavedra

assessora técnica da Direcção / senior adviser

Serviços de Sede no Porto / Porto Branch - Head Office

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima / Portuguese Association for Victim Support

Rua Aurélio Paz dos Reis, 351

4250-068 Porto

Portugal

tel. dir. +351.22 834 68 44

tel. +351.22 834 68 40

e-mail: rosasaavedra@apav.pt

<http://www.apav.pt>

Aviso legal / E-mail disclaimer: <http://www.apav.pt/disclaimer.html>



Antes de imprimir este email, considere o impacto ambiental.

Before printing this email, think about the environmental impact.

Anexo F- Pedido para utilização do instrumento Inventário de Avaliação Clínica da Depressão

We have received your response for Pedido de instrumento I Ajustamento individual

De: **JotForm** | noreply@jotform.com

quarta-feira, 19/05/2021, 21:15

Para: **danii.filipa@hotmail.com**

Pedido de instrumento I Ajustamento individual

Nome	Daniela Filipa Fernandes Gonçalves
E-mail	danii.filipa@hotmail.com
Área de formação do requerente	Psicologia
Já concluiu a sua formação?	Não
É membro da Ordem dos Psicólogos Portugueses	Não
O instrumento de avaliação será utilizado para fins	Académicos/Investigação
Nome	Berta Maria Marinho Rodrigues Maia
E-mail	bmaia@ucp.pt
Instituição	Universidade Católica Portuguesa- Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
Título	Relação entre abuso e ciberabuso no namoro, depressão e ideação suicida
Tipo de população	Adolescentes finais
Tamanho de amostra previsto	200
Qual o questionário desejado	IACLIDE
	Accepted

Now create your own JotForm -

[Create a JotForm](#)

Anexo G- Pedido para utilização do instrumento Questionário de Comportamentos Suicidários – Revisto

Pedido de autorização

De: **Daniela Filipa** | daniel.filipa@hotmail.com

segunda-feira, 10/05/2021, 17:16

Para: **rcampos@uevora.pt** | rcampos@uevora.pt

Cc: **Berta Maria Marinho Rodrigues Maia** | bmaia@ucp.pt

Exmo. Sr. Professor Doutor Rui Campos

Sou estudante do 1º ano de mestrado de Psicológica Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Encontro-me neste momento a desenvolver o meu pré-projecto de dissertação, sob a orientação da Prof.ª Doutora Berta Maia, cujo tema principal é: Relação entre abuso e ciberabuso no namoro, depressão e ideação suicida. Assim, solicito a sua autorização para a utilização do Questionário de Comportamentos Suicidas que validou para a população Portuguesa em 2019 e, pedia-lhe que me enviasse o instrumento de avaliação, bem como o material necessário para cotação e interpretação dos resultados.

Atenciosamente,
Daniela Filipa Fernandes Gonçalves.

Obter o [Outlook para Android](#)

**Anexo H- Resposta do autor do instrumento Questionário de Comportamentos
Suicidários – Revisto**

Re: Pedido de autorização

De: **Rui C. Campos** | rcampos@uevora.pt

segunda-feira, 10/05/2021, 18:06

Para: **Daniela Filipa** | danii.filipa@hotmail.com

Cara Daniela

Junto envio o instrumento que pretende utilizar na sua dissertação

Bom trabalho!

RCC
